**LOUVADO SEJA O MEU SENHOR**

**José Neivaldo de Souza[[1]](#footnote-2)**

O Papa Francisco, em sua carta “Laudato Si”,[[2]](#footnote-3) aborda o problema ecológico a partir de uma hermenêutica que tem como paradigma a criação e o cuidado. Sua interpretação faz pensar sobre a preservação da natureza. Para o Pontífice, o Pai de Jesus Cristo não só é o criador de todas as coisas, mas libertador e salvador. Em outras palavras, Deus continua criando e preservando a criatura.

O Criador revela o seu plano, de forma completa, na pessoa e na obra de Jesus Cristo, sob a atuação do Espírito Santo. Ele cuida dos mais vulneráveis, trazendo amor e esperança para que a obra da criação seja preservada (Lc 4, 15-21). Francisco nos traz uma boa notícia: os princípios bíblicos e a teologia podem contribuir para uma nova consciência cristã acerca de um mundo possível. A comunidade de fé, chamada a participar da nova criação, é capaz de observar as injustiças e julgá-las à Luz do Espírito, em favor de um “novo céu e nova terra”.

**O Louvor da Criação**

A partir da cultura e da espiritualidade de Israel podemos interpretar a relação do ser humano com a natureza. Há, no Primeiro Testamento, uma sabedoria milenar que nos ajuda a observar esta realidade e julgá-la à luz dos textos sagrados. A Carta de Francisco nos motiva a isso.A criação é um ato de amor divino e os primeiros capítulos de Genesis, em estilo poético, testemunham esta ação. Para o Papa Francisco a fé cristã ajuda a ler e interpretar a dignidade da criatura (*Laudato Si,* n. 65). O pecado é tudo aquilo que ameaça esta dignidade. A preocupação do Papa é que uma hermenêutica, na perspectiva do amor, fora corrompida em favor de interesses egoístas em relação à natureza. Esta, confiada ao ser humano, para ser cuidada, passa a ser objeto de dominação e toda interpretação da Palavra de Deus acerca desta realidade não considera a vontade do Criador.

O Primeiro Testamento ajuda a observar nossa realidade e ver que a criação corre perigo em decorrência das rupturas nas relações: relação com o próximo, consigo mesmo, com Deus e a natureza. O pecado diz respeito ao descuido do ser humano com a integridade da criação e com a harmonia entre as criaturas (Gn 1, 2,2-3; Ex 16,23; 20,10; Lv 25, 1-4).

Muitos Salmos e relatos proféticosnarram a grandeza do criador e convida toda criação a louvá-lo (Sl 135, 136, 148 e outros). Francisco motiva o leitor se solidarizar com toda criatura a fim de abandonar toda pretensão de poder e exploração desenfreada em relação ao outro, de modo particular, à natureza. Segundo ele, se não houver uma mudança de atitude prevalecerá a tendência de impor à natureza as próprias leis e interesses (*Laudato si,* n. 75).

A criação é um projeto de amor e cada criaturaé chamada a glorificar a Deus através do cuidado. Para Francisco é preciso se indignar com quem traficam animais em extinção, mas também é preciso não tolerar o tráfico de pessoas, a indiferença em relação aos mais necessitados e a falta de cuidado em relação ao outro(.*Laudato si,* n. 91). O cuidado com a natureza tem na base o amor do criador e, por isso, é preciso uma nova hermenêutica que inclua o paradigma ecológico e denuncie toda irresponsabilidade em relação ao meio ambiente.

**Em Cristo: nova criatura**

Em Jesus o ser humano é chamado a reconduzir toda criatura ao Criador. Numa realidade onde a história é contada pelos mais fortes e vencedores; onde a desigualdade é justificada e os bens naturais são explorados sob o monopólio de poucos, há uma história a partir da qual podemos pensar a fraternidade. Para Francisco a boa nova de Jesus é para os mais desprovidos e explorados neste mundo. Em Jesus, a pessoa é chamada a se solidarizar com toda a criatura a fim de levá-la ao criador (*Laudato si,* n. 83).

Jesus cuidava da natureza e seus ensinamentos, a partir das parábolas e milagres, demonstrava isso. O Deus criador do Primeiro Testamento, no Segundo Testamento é chamado por Jesus de Pai. Deus é Pai de todas as criaturas (Lc 12,6; Mt 6,26) e seu Reino é comparado a um grão de mostarda jogado na terra (Mt 13,31-32.). Leonardo Boff mostra o quanto em Jesus, Deuscriador resgata sua criatura. Nele se encarna os materiais da poeira cósmica, mais antigos do que nosso planeta: “O ferro que corria em suas veias, o fósforo e o cálcio que fortificavam seus ossos, o sódio e o potássio que permitiam a transmissão de sinais através de seus nervos, os 65%de oxigênio que compunham o seu corpo e os 18%de carbono, tudo isso faz que sua encarnação seja realmente cósmica”.[[3]](#footnote-4)

Nos escritos paulinos aparece uma teologia da criação: em Cristo todas as coisas são criadas e recapituladas (Cl 1,16; 1Cor, 15,28). Papa Francisco, nesta linha, considera que o mistério de Cristo conduz todas as criaturas à plenitude divina: “as próprias flores do campo e as aves que Ele, admirado, contemplou com os seus olhos humanos, agora estão cheias da sua presença luminosa” (*Laudato si,* n. 100).

**A Missão da Igreja e a Preservação da criação**

Francisco, à luz da Bíblia, dos documentos eclesiais e de algumas teologias, escreveu a carta *Laudato Si.* Este escrito desenvolve uma analise oposta ao antropocentrismo moderno que direciona toda criatura à dominação do homem e da ciência:“O próprio Cristianismo, mantendo-se fiel à sua identidade e ao tesouro de verdade que recebeu de Jesus Cristo, não cessa de se repensar e reformular em diálogo com as novas situações históricas, deixando desabrochar assim a sua eterna novidade” (*Laudato Si,* n. 121). Ele se volta para a tradição teológica, mas sempre considerando o contexto histórico, buscando uma síntese entre fé e razão; Igreja e mundo. Ele observa esta realidade e procura julgá-la à luz da tradição, a fim de encontrar saídas da crise.

Para Francisco os primeiros pensadores da Igreja contribuíram para o dialogo fé e razão. Uma leitura mais profunda da Patrística pode ajudar numa reflexão acerca da preservação da natureza e, de fato, Gregório de Nissa expressa sua preocupação na obra: *A Criação do Homem:*“A divindade é o Bem supremo, para que tendem todos os seres possuídos do desejo do Bem”.[[4]](#footnote-5)A criação, para Justino de Roma, comporta a semente do Verbo e a terra está impregnada da bondade de Cristo, como defendia Basílio Magno.

Como seus antecessores, Francisco retoma Tomás de Aquino que insistiu em colocar em diálogo a fé da Igreja e a razão secularizada. São Tomás, à luz do pensamento aristotélico, argumentou que Deus criador é o motor imóvel que move todas as coisas, sem ser movido; é o principio e garante da salvação em cada criatura (*Laudato si,* n. 80).

Para concluir, a teologia de Francisco investe no diálogo e vai ao encontro de pensadores contemporâneos como Romano Guardini e Teilhard Chardin. Para ele todo poder só pode ser exercido em Cristo. Nele conflui todo universo e nele o ser humano decifra sua relação com a criação. Nele há “uma centelha da sabedoria e da bondade infinitas de Deus. É por isso que o homem deve respeitar a bondade própria de cada criatura, para evitar o uso desordenado das coisas” (*Laudato Si,* n. 69 e 89).

**Referências**

BOFF, Leonardo. “Ecologia: Teologia e Espiritualidade” in BEOZZO, Oscar (org.) *Curso de Verão: Ano XX: Ecologia: Cuidar da Vida e da Integridade da Criação.* São Paulo: Paulus, 2006,

Cf. SOUZA, José Neivaldo. *Imagem Humana à Semelhança de Deus.* São Paulo: Paulinas, 2010.

PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum.* São Paulo: Paulinas, 2015.

. <http://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/3482/3587>

1. Teólogo e Filósofo. E-mail: neivaldo.js@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)
2. Este texto é uma síntese de uma parte de meu artigo publicado na revista da FAJE: Perspectiva teológica. V.48, n.1, 2016.<http://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/3482/3587>. [↑](#footnote-ref-3)
3. BOFF, Leonardo. “Ecologia: Teologia e Espiritualidade” in BEOZZO, Oscar (org.) *Curso de Verão: Ano XX: Ecologia: Cuidar da Vida e da Integridade da Criação.* São Paulo: Paulus, 2006, p. 163. [↑](#footnote-ref-4)
4. Cf. SOUZA, José Neivaldo. *Imagem Humana à Semelhança de Deus.* São Paulo: Paulinas, 2010, p. 54. [↑](#footnote-ref-5)